

Razões de uma Poesia
de Giuseppe Ungaretti, Organização de Lúcia Wataghin,
Edusp/Imaginário, São Paulo, 1994.

Vera Bianco
Professora de Italiano, UFSC

Este livro de escritos teóricos de Ungaretti pode ser dividido em duas partes, de acordo com o conteúdo e a origem dos textos. Os primeiros onze textos pretendem oferecer, nas palavras da organizadora do volume, “um panorama da poética de Ungaretti”, enquanto que os cinco últimos textos constituem “todo o material disponível (com exceção das aulas universitárias brasileiras) que tivesse alguma relação com a permanência do poeta no Brasil”.

Na primeira parte, através de conferências, artigos e entrevistas, produzidos entre 1924 e 1950, podemos acompanhar Ungaretti percorrendo sobre o que ele chama de “significado” e “missão” da poesia, sobre o valor da palavra, sua gravidade e sua aderência à realidade. Mais ainda, o acompanhamos na discussão dos conceitos fundamentais de sua poesia: inocência, memória, fantasia e tradição, permeados pela noção de tempo, elemento indispensável para entender a questão da língua, do uso e das escolhas que o poeta faz das palavras e que resultam em poesia. Para uma melhor compreensão destes textos, é interessante que o leitor esteja familiarizado com dois intelectuais italianos que Ungaretti considera, entre outros atributos, grandes pensadores: Giacomo Leopardi (1798-1837) e Alessandro Manzoni (1785-1873), escritores, ensaístas, poetas e teóricos da literatura e da lingüística. Ungaretti utiliza os escritos teóricos e a produção poética e literária de ambos para discutir e ilustrar muitas de suas posições, recorrendo principalmente a Leopardi, ao qual, como afirma, dedica verdadeiro culto, considerando-o “o maior poeta italiano em seu século e também o maior poeta de seu século”.

São precisamente dois textos extremamente impregnados de Manzoni e Leopardi que constituem os momentos mais bonitos deste livro de Ungaretti. Em “A Poesia Contemporânea está viva ou morta?”, uma entrevista publicada em 1929, Ungaretti fala dos problemas do ofício poético, discutindo a questão da forma adequada à expressão do conteúdo poético e defendendo mais uma vez a importância da sonoridade e do ritmo. Definindo-se como um homem de seu tempo, não um tradicionalista, insere a noção do tempo como espelho da vida psicológica, como propusera

Leopardi, para prosseguir na discussão da poesia como síntese da palavra e como descoberta de novas possibilidades da linguagem. Ao final, Ungaretti propõe a poesia contemporânea como um desejo de “restabelecimento de uma relação entre a criatura e Deus” e como uma possibilidade de impulsionar o homem na sua busca do mistério irredutível, que “a mente jamais atingirá, mas através do sentimento pode-se ter notícias dele”.

Na conferência “Influências de Vico nas teorias estéticas de hoje”, pronunciada em 1937 na Universidade de São Paulo, Ungaretti explora as noções de fantasia e memória, binômio fundamental do fazer poético, discorre sobre a questão do mito em Vico e sobre os mitos modernos. Através dessa discussão, o poeta fundamenta mais uma vez os conceitos de inocência, memória, fantasia e tradição, possibilitando aos seus leitores uma compreensão muito clara desses elementos constituintes da poesia. É precisamente neste momento que Ungaretti nos mostra toda sua pujança poética, ao analisar a questão do perecer - humano e dos objetos - em uma poesia de Leopardi, fazendo-o com tal delicadeza, sensibilidade e beleza que é impossível não nos apaixonarmos pelo texto e por ambos os poetas, o que lê e o que é lido.

A segunda parte do livro, os textos que guardam relação com a permanência do poeta no Brasil, nos apresenta outra visão de Ungaretti. O poeta suplanta o teórico e se expande em suas emoções, fazendo o texto testemunha de suas experiências de viajante. No prefácio a “Siciliana”, poemas de Murilo Mendes sobre a Sicília, de 1959, Ungaretti diz que, um pouco como Murilo Mendes e Manuel Bandeira, ele também tem o Brasil vivo nos olhos e no coração, referindo-se aos anos que aqui viveu, entre 1937 e 1942. O que torna este prefácio muito interessante é que, ao se propor a entender como Murilo Mendes teria percebido a Sicília - um estrangeiro olhando o estrangeiro - Ungaretti não considera o seu próprio olhar sobre o Brasil também como o olhar de um estrangeiro olhando o estrangeiro.

São dois estrangeiros olhando duas culturas, duas terras, duas civilizações, são “gregos e barrocos” ligados pela procura da medida, no que Ungaretti chama de “a civilização dos números”. E o que liga esses dois poetas, mais do que as reflexões que Ungaretti faz sobre Murilo, é exatamente o fato de estarem na mesma posição, de maneira que, ao tentar mostrar o outro, Ungaretti se mostra nesse espelho invertido, refletindo o mesmo que é o outro.

Essa revelação de si mesmo continua, agora de maneira explícita, no segundo texto dessa parte do livro, o discurso pronunciado na Faculdade de Filosofia da USP em 1967, ao receber o título de doutor “Honoris Causa”. O agradecimento, tema inicial desse discurso, transforma-se em

reflexão sobre a terra estrangeira que se faz nacional. Ungaretti nasceu no Egito, lá vivendo até os vinte anos; mudou-se para a França e dois anos depois foi para a Itália, pátria de seus pais emigrantes. O Brasil, onde viveu e que abriga o corpo de seu filho aqui morto em 1937, tornou-se próximo e conhecido, passando a integrar o conjunto de seus “quatro países prediletos, aqueles que deram e dão forma à minha palavra”. São a terra nativa, a terra de sua formação, sua pátria e a terra de sua experiência mais humana, como as define. São a inocência, a razão, a memória e a natureza, que assim reunidas e vividas resultam em uma nova gênese, “enfrentável somente através de uma arte intrépida e desmedida”. Os contornos dessa arte, os rumos, os desafios, as barreiras para sua manifestação, são em realidade fermento da crise de cultura que, segundo o poeta, caracteriza cada época, fazendo-a crescer, ainda que dolorosamente. Podemos dizer que Ungaretti utiliza um conceito psicanalítico, que diferencia a crise patológica da crise como fator indispensável ao processo de crescimento, para reafirmar sua crença na capacidade de suplantação do ser humano, mesmo que ele, Ungaretti, não tenha respostas para os desafios que colocou.

Todos os textos que compõem o volume são reveladores do pensamento e do fazer poético de Ungaretti, mas os aqui destacados revelam aspectos e abordam questões que nos possibilitam entendê-lo na sua produção. Alguns textos são de interesse mais específico, como “Defesa do Hendecassílabo”, por exemplo, que deriva de uma discussão teórica entre Ungaretti e Francesco Flora sobre o metro fundamental da língua italiana, e que aborda, portanto, aspectos específicos do italiano como expressão sonora e lingüística. Apesar dessa especificidade, que poderá eventualmente reduzir o interesse pelo texto, esse debate serve para reafirmar mais uma vez a solidez de Ungaretti como teórico e como poeta, constituindo-se em uma leitura muito instigante.

O último texto do livro é uma entrevista de 1991 realizada com o professor Antonio Candido, que cita os “rios” de Ungaretti, fazendo referência à poesia “I fiumi” - “Os Rios”, escrita em 1916. Dela quero destacar os seguintes versos:

Ho ripassato
le epoche
della mia vita.
Questi sono
i miei fiumi.

Repassei
as épocas
da minha vida.

Estes são
os meus rios.

Percorrer os textos desse volume é em alguma medida percorrer os rios do poeta, acompanhando-o através da sua palavra escrita na tentativa de compreender o significado da sua poesia e perceber no silêncio a palavra escavada em nós.

Um último parágrafo sobre o volume e alguns problemas de organização. Ungaretti se expressa frequentemente também em francês, nos seus escritos. As tradutoras optaram por deixar no corpo do texto os poemas ou versos em língua italiana, traduzindo-os em notas de rodapé, deixando o que vem em francês sem tradução para o português. Como não explicam o critério adotado para tal distinção, podemos supor que talvez imaginem que os leitores brasileiros entendam francês, embora precisem de tradução do italiano? Além disso, as notas de rodapé são inúmeras e muito extensas. Em parte são explicativas, posto que todas as informações sobre cada texto são apresentadas sob essa forma: data, lugar e tipo de evento que originou o texto. Não haveria outra maneira de dizer essas coisas? Sob a forma de nota de rodapé, tornam a leitura muito cansativa em certos momentos, além de não serem muito claras, deixando dúvidas sobre a origem e publicações anteriores de alguns textos. Talvez uma introdução a cada um dos textos informasse melhor o leitor. Por outro lado, muitas das notas são traduções dos versos ou dos poemas citados no corpo do texto, algumas vezes tão longas que passam de uma página para outra, não acompanhando o texto e dificultando a leitura. E, mais grave, um terceiro tipo de notas de rodapé que chamarei de “interpretativas”: a tradutora ou a organizadora (não é indicado nas notas) interpreta o pensamento do poeta de maneira bastante arbitrária, como na página 81, nota 2, em que lemos: “O poeta provavelmente pensa, mas não quer dizê-lo, em Marinetti”. Tal afirmação seria admissível em um ensaio introdutório, mas em uma nota de rodapé me parece abusiva. Finalmente, algumas palavras sobre a apresentação do volume, que começa como uma tentativa de ensaio crítico, deriva para uma possível apresentação teórica e repentinamente transforma-se em conclusão de uma dissertação de mestrado, com os agradecimentos de praxe ao orientador e à banca. Ou seja, um trabalho acadêmico convertido em livro sem um cuidado de revisão de sua apresentação para que se tornasse mais compatível com seu novo objetivo.

Apesar dessas restrições, é um volume interessante para o leitor brasileiro interessado em poesia e que não domina o idioma italiano, pois

possibilita uma leitura teórica de Ungaretti, sem dúvida um dos grandes poetas e pensadores que renovaram a poesia italiana contemporânea.